

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

Os Filmes de Ernie Gehr – Programa 4

28 de Maio de 2022

ESSEX STREET QUARTET

ESSEX STREET MARKET / 2004

27 minutos, preto e branco, sem som

NOON TIME ACTIVITIES / 2004

21 minutos, preto e branco, sem som

WORKERS LEAVING THE FACTORY (AFTER LUMIÈRE) / 2004

12 minutos, preto e branco, sem som

GREENE STREET / 2004

5 minutos, cor, sem som

Realização, Imagem, Montagem, Produção: Ernie Gehr / Cópias: de Ernie Gehr, em ficheiro digital (suporte de filmagem original em 16mm, montagem em digital), preto e branco e cor (**Greene Street**), sem som / Inéditos comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

Duração total da projeção: 65 minutos

filmes de ERNIE GEHR

AVISO: dada a necessidade de Ernie Gehr abandonar Lisboa mais cedo, fomos obrigados a realizar uma alteração à programação. Ao contrário do inicialmente anunciado, hoje às 19h00, mostraremos **Essex Street Quartet** (Programa 4), em alternativa ao programa inicialmente previsto (Programa 5 - **Still** e conversa), que decorreu ontem.

Essex Street Quartet é um “quarteto” composto por quatro filmes mudos, quatro partes independentes que apresentam uma óbvia relação entre si e se complementam. É também um trabalho que tem a particularidade de apontar para a profunda transformação da obra de Ernie Gehr, que nos anos noventa deixou de filmar em película para passar a trabalhar exclusivamente em vídeo digital. Uma alteração que inicialmente se deu por razões económicas, dada a dificuldade que Ernie Gehr sempre teve em financiar os seus filmes realizados em suporte filme, sendo que depressa abraçou plenamente o vídeo.

Se as imagens de **Essex Street Quartet** foram filmadas em Nova Iorque em 16mm entre 1971 e 1975, foram deixadas muito tempo em “pousio” antes de serem recuperadas e montadas em digital, constituindo estas o material de origem, o “arquivo de imagens” a que recorre o cineasta. Falamos em “arquivo” numa referência clara a **Eureka**, que parte

de um filme realizado por terceiros em 1906, indiciando o interesse do cineasta pelo cinema dos primórdios, que se prolongará ao longo dos anos (veja-se **The Astronomer's Dream**, 2004, realizado a partir de uma obra de Georges Méliès).

Como referiu Gehr numa destas sessões, **Essex Street Quartet** tem a particularidade de ter sido filmado com uma pequena câmara Kodak Modelo K, cujas imagens são mais difusas que as da sua habitual câmara Bolex de 16mm. Gehr filmou as quatro partes de **Essex Street Quartet** em bairros que lhe eram muito familiares. E como descreveu Jason Rosenfeld num artigo publicado em *The Brooklyn Rail*, que parte de uma conversa com o cineasta, grande parte das bobines foram devotadas ao Essex Street Market, integrando “um projecto mais vasto de documentar as mudanças em Manhattan na sequência da construção do World Trade Center. Mas Gehr não fez nada com o material”, voltando a ele muitos anos depois.

Essex Street Market, a primeira parte, regista momentos desse mercado no Lower East Side, assim como algumas cenas na rua à volta do mercado. **Noon Time Activities**, a segunda, documenta a hora de almoço nos balcões dos restaurantes e nas movimentadas ruas do distrito financeiro em Lower Manhattan. **Workers Leaving the Factory (After Lumière)**, a terceira, revela-nos movimentos nos túneis subterrâneos do metro, de carruagens e pessoas. **Greene Street**, a última parte do quarteto, regista a “vista de uma janela nas vibrantes cores da película Kodachrome, destacando telhados, cores de ferrugem industrial e a magia do cinema” (Ernie Gehr).

Os estranhos enquadramentos de **Essex Street Market**, a primeira parte, resultam do uso da sua pequena câmara escondida, tal como foi praticado também pela fotografia de rua. Gehr carregava a câmara debaixo do casaco, filmando vendedores, compradores e bancas do mercado enquanto olhava para outro lado. O resultado são enquadramentos exóticos e descentrados que dialogam com outros admiravelmente compostos, de onde está normalmente excluída a presença humana: os planos de exterior com a roupa estendida, que encontramos noutros dos seus filmes, como aquele que dedicou à Cinemateca em 2020, **Greetings from Brooklyn**; a neve (ou a chuva) a cair à noite em frente a uma árvore, confundindo-se com o grão da imagem,...

As formas, os contrastes, a composição, e o jogo de luzes e sombras de **Essex Street Market** fazem-nos pensar na melhor fotografia da tradição norte-americana, ideia que nos persegue ao longo de todo o quarteto e que é enfatizada em **Noon Time Activities**, quando a câmara de Gehr explora os reflexos ou se detém nas sombras alongadas dos transeuntes em Manhattan e nas suas silhuetas face às paredes dos imponentes edifícios. Imagens com uma relação directa com a obra fotográfica e fílmica de Paul Strand que, pela proximidade com esta, raíam a citação, num extraordinário retrato da vida urbana nova-iorquina e das suas multidões, tantos anos depois.

O Jogo claro/escuro prolonga-se em **Workers Leaving the Factory (After Lumière)**, numa referência explícita à obra dos irmãos Lumière e aos seus planos-sequência, tão frequentemente citados por Gehr, cuja influência estes “filmes-fotográficos” bem demonstram. É nos corredores subterrâneos escuros do metro que mais se manifesta o grão do preto e branco da película, que se atenua progressivamente com a luz interior das carruagens.

No final da sessão, **Greene Street** revela-se uma explosão de texturas e de cor. Com apenas cinco minutos de duração, prolonga a atmosfera muda do quarteto, centrando-se sobre a vista de uma fachada. Como escreveu ainda Jason Rosenfeld, revelando parte do segredo deste admirável pequeno filme, que se aproxima mais claramente de outras obras do cineasta filmadas no mesmo período, “Gehr sentou-se um dia entre as dez da manhã e as quatro ou cinco da tarde e filmou com a sua câmara Bolex um fotograma de cada vez”. Contrastando com o carácter monocromático dos filmes anteriores, **Greene Street** revela-nos formas e superfícies comuns, que temos dificuldade e compreender e que assumem configurações inesperadas num processo de transformação constante. Uma celebração de ritmo e de cor em que uma simples fachada adquire qualidades mágicas.

Face à impossibilidade de Ernie Gehr acompanhar esta sessão, termino com algumas das notas que escreveu propositadamente para este programa: “**The Essex Street Quartet** é composto por quatro peças independentes, mas inter-relacionadas. As filmagens foram registadas em filme de 16mm no início dos anos 1970, mas não foram montadas até serem transferidas para vídeo em 2004. Parte filme, parte vídeo, a obra tem fé na “imagem”; na possibilidade de ‘re-presentação’; numa obra como uma espécie de artefacto; um gráfico pictórico de situações de vida; mas também com consciência e profundo apreço pelo que está à nossa frente, no ecrã; o que se está a olhar, como as imagens fotográficas em movimento de espaços, pessoas e situações também são obras de artifício que podem, à sua maneira, reflectir ou ecoar o acontecimento ou a situação retratada no ecrã.

A ênfase está no presente, no aqui e agora, no carácter único de cada momento, cada plano como um fragmento distinto por direito próprio... uma aceitação, pode-se dizer, de cada momento como uma cápsula do tempo única (ou filme), determinado pelo carácter da lente da câmara; com áreas em foco e fora de foco; com as texturas granulosas da emulsão fílmica (toda a parte da *vida* de uma imagem projetada de filme em movimento), bem como definida por uma gama de tonalidades de cinzento num plano bidimensional, e como o retângulo do quadro/rectângulo do ecrã, compõe e apresenta fenómenos de vida.

O trabalho move-se num ritmo que permite explorar, reflectir e saborear essas e outras qualidades cinematográficas, ao mesmo tempo que responde e reflete sobre o que é retratado pictoricamente no ecrã.”

Joana Ascensão